

O livro de bolso do psicanalista cidadão

IV. O objeto♦

Alcedina e os acumuladores

Boa Noite.

Entre a última vez e hoje houve o XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, muitos de vocês estavam lá, com altos e baixos como todo encontro, muito mais altos.

O personagem de hoje é o que entra em cena pela fala de Andreia Beltrão no filme *Jogo de Cena*, do Coutinho na altura de hora e meia do filme.

Hoje, vamos pensar o desejo não só na falta, como em Ózio, mas também na abundância, no excesso de objetos, um modo quase evidente de caracterizar nossos dias e o desejo de Andreia nessa cena vai nos ajudar a situar o estatuto específico do objeto da psicanálise.



<https://www.youtube.com/watch?v=5Fk7kLLrVT4>

O filme é uma maravilha e traz um mundo de discussões essenciais, especialmente sobre o que é a verdade entre fato e ficção, o que é colocar em cena uma história e o quanto toda história tem mentira e toda mentira tem verdade. Não falaremos disso hoje, quero trazer apenas um ponto, que é colocado em narrativa de maneira deliciosa por Andreia Beltrão em um momento do documentário, em que ela traz uma época de sua própria vida e um personagem fundamental de sua história, Alcedina.

Nasci em Ipanema, depois fui morar em Copacabana onde morei durante onze anos, acho, por aí. Morávamos eu, minha avó e minha mãe, num quarto e sala, e Alcedina era a empregada da gente, Alcedina que eu chamava de Cedina. Minha mãe se separou de meu pai e éramos nós ali.

♦ Este texto reproduz o quarto encontro do curso livre do ICP-RJ “O livro de bolso do psicanalista cidadão: Lacan com Coutinho”, ocorrido em 01/12/16, Transcrição Cida Malveira, versão final do autor.

Eu queria dizer isso porque até hoje sinto, eu sinto saudades. Alcedina morreu, os filhos dela e os netos, todos conseguiram estudar, estão formados na faculdade, o maior barato, ver uma família linda, deslanchar. Mas queria dizer que sinto saudades do cheiro dela, é isso que eu queria dizer, da Alcedina Pereira Marcelino que cuidou de mim.

Ela era uma pretona forte, ria muito, ria pra caramba, eu me divertia muito com ela e adorava dormir enfiada no braço dela. Ela usava água de colônia. Não, era uma coisa verde, concorrente do leite de rosas, mas enfim, um treco que ela passava que ela adorava e ficava cheirosa e eu adorava ir para a cama dela de noite. Pegava o açucareiro e ficava lambendo o açucareiro de noite e entrava aqui (faz um gesto) e entrava no sovaco da Cedina e ficava. Então até hoje eu tenho saudades do cheiro da Cedina (risos).

Eu tinha quatro, cinco anos. Ah! Eu não esqueço dela. Eu falava para ela assim: “Cidina, quando eu for muito rica, eu vou te dar um carro enorme, você só vai andar de motorista, você vai ter casas em todo lugar do mundo, você vai ser milionária, eu vou trabalhar a vida inteira para te dar tudo”. Ela ria, e essa era minha maior felicidade, quando ela ria.

Os objetos e seus efeitos de limiar

É bonito não é! A grandeza de uma criança, sua paixão generosa, a doçura e o riso da Alcedina e como tudo isso marca e constitui alguém. Não entendo como alguém pode dizer o que ouço volta e meia: “tem que ser hereditário, meus filhos saíram tão diferentes, como, se eu os criei igualzinho?” Impossível ser igualzinho, um vai ter uma paixão pelo riso, outro pelo sovaco, um terá uma Alcedina outro não, um vai viver o açúcar outro o sal, cada experiência fixa as coisas de modo muito complexo, cheio de variáveis desconhecidas e incontroláveis, mas não é o que faz a beleza de ser gente?

Remeto vocês a um documentário chamado *Humans*, patrocinado pelo Google. São também histórias únicas, contadas por gente dos quatro cantos do planeta. Eles também tentaram capturar essa riqueza do humano, a diversidade parece grande, 110 pessoas, mas há uma diferença essencial para com os filmes de Coutinho que faz com que o resultado seja a meu ver infinitamente mais pobre, os detalhes. Os divinos detalhes concretos, como o sovaco, o cheiro, o açúcar e por aí vai.

Andrea Beltrão passa para Eduardo Coutinho uma singularidade que é difícil achar nas histórias do *humans*. Com ela temos uma história, o clima geral de criança, o abandono, o aconchego e felicidade que Alcedina traz. Pensem, porém, tudo isso já foi contado e vivido de alguma maneira parecida por outros. Nesse sentido, os afetos comuns, estes mesmos que nos emocionam, a solidão, a saudade, por exemplo, não são o singular da coisa. Vale distinguir o particular do singular, seguindo Kant.

Os conteúdos das histórias são particulares, mas não singulares. Dá para fazer uma novela com essa parte particular da história, o enredo, mas tem uma coisa que não está no enredo. Particular se opõe a universal, mas não tanto como o singular. Os detalhes têm muito mais singularidade. O riso de Cedina, o cheiro, são únicos e de fato únicos mesmos, singulares, para Andrea.

Para melhor perceber a diferença, deixemos a tríade universal, particular e singular para trás e digamos que o particular é complementar, o singular é suplementar. Aqui Derrida é a referência quando, especialmente em *Gramatologia*, propõe que o escrito é uma dimensão da linguagem suplementar à da fala.

Quero desenvolver conceitualmente essa relação a partir de Freud, por isso Derrida ficará aqui só indicado. Digamos que o aconchego que Alcedina proporciona é complementar e o cheiro de seu suvaco suplementar.

O aconchego faz parte de uma história em que alguém não o tem. Ela queria o aconchego da mãe, a Mãe seria o objeto dos objetos, que Alcedina não é e, aliás, nem a mãe dela seria. Neste sentido, quando ela se sente acolhida, cuidada, a Alcedina é um objeto complementar.

O cheiro é suplementar. Ele não traz a coisa, pois a Coisa mesmo, é tudo junto ao mesmo tempo agora, ela seria o objeto impossível, perdido, que ficou na saudade, mas podemos recuperar alguma coisa dele em sua singularidade através desses detalhes suplementares. É o que fazemos em análise para seguir diferente na vida e para o lugar da Alcedina mudar.

Se Alcedina foi um tanto dessa mãe perfeita, só o foi porque o cheiro de seu sovaco marcou. É ele que faz a borda da Coisa, é o limiar que garante que você está ali, na porta de chegada, no umbral, que tem outro tipo de presença que não a do aconchego em geral, particular emocionante, mas vago, impreciso.

Detalhes como esse trazem uma relação de vivacidade com a coisa, para usar um termo sugerido por Thereza. É justamente o que Ózio não tinha. Ele conseguiu desenhar alguma coisa que permitiu que a coisa fosse embora, mais ou menos podemos dizer que ele inventou um limiar para se separar da coisa. Essa cena com Andrea desenha um limiar com a coisa logo ali. O Ózio se liga ao objeto perdido, complementar, Andrea ao objeto achado suplementar.

Participante: podemos pensar se há alguma semelhança na experiência da Madeleine de Proust, que reforça no relato da Andreia, com o cheiro da lavanda, o aconchego.

Marcus André: sim, mas acho que teríamos que fazer um estudo para tentar discernir nos milhões de experiências de Proust este objeto. Valeria opor o encontro com a Madeleine com o da mãe quando ela sobe as escadas para lhe dar o beijo de boa noite. Este é complementar, aquele suplementar.

O sonho da Pequena Anna

Para situarmos o objeto suplementar mais que apenas pela intuição, vamos retornar à realização do desejo no sonho, como define Freud e que é a base da psicanálise.

Freud quase abre sua teoria sobre o desejo no sonho com exemplos de sonhos de criança, e especialmente sua filha Hanna. O sonho em questão está presente desde a primeira edição da *Traumdeutung – A interpretações dos sonhos*, no começo do capítulo III, cujo título é “O sonho é uma realização de desejo”. Esse sonho é retomado por Lacan no “O Seminário, livro 6: *o desejo e sua interpretação*”, no capítulo IV, “O sonho da Pequena Anna”.

Lacan retoma esse sonho progressivamente, devagar, nós vamos em curto circuito, como se já tivéssemos as outras referências do Lacan, que não apenas as que ele traz no *Seminário 6*. Uma parte do capítulo é a discussão sobre o sonho, um intervalo em que Lacan discute sobre o estatuto da representação em Freud que tem tudo a ver com nosso tema, e depois ele retoma o sonho.

Vamos partir do mais intuitivo para o mais complexo. O mais intuitivo seria a proposta de Freud, que traz sonhos de crianças para mostrar que a realização de desejo no sonho não é disfarçada, é evidente; Lacan diz que “encontramos sonhos cuja existência acho que nenhum de vocês ignora, sonhos de crianças, que nos são oferecidos como o primeiro estado do desejo no sonho”. Lacan expressa isso como sonhos da “nudez do desejo”, ou seja, se você não pode alguma, então você sonha podendo.

Sim, nos sonhos de criança vemos alguma coisa evidente, há menos distorção. Lacan cita na p. 76 “Ferenczi contribuiu trazendo em socorro um provérbio *O porco sonha com bolotas, o ganso com milho (...) com que sonha a galinha*”? *Com milho (...)*”.

Parece então que sonhamos com o que temos necessidade. Lacan quer mostrar, porém, que isso é só uma primeira impressão que não tem nada a ver com nossa realidade humana. Mais além, ele quer mostrar que também não tem nada a ver com a realidade no sonho, pois a estamos olhando a partir das nossas ideias pré-concebidas. Um sonho não é a satisfação alucinatória de uma demanda recusada, um modo, falso, de compensar uma frustração. Lacan parte, então, da situação em que isso mais parece verdade, justamente o sonho de uma criança, para mostrar que não é o caso.

Para começar, já é um pouco estranho queremos compensar uma frustração sonhando, coisa que não compensa nada?

Freud acrescenta que para que serve isso, não é para compensar a frustração, como pode parecer, mas para continuar dormindo, realizar a necessidade de dormir. Se se sonha que está satisfazendo uma demanda, para que fique dormindo.

Essa ideia de que o sonho é uma realização de desejo como compensação de uma demanda frustrada já não bate, mesmo assim ela é irresistível ainda mais nos sonhos de criança.

Vamos ao sonho da Hanna, relatado por Freud e retomado por Lacan para mostrar como temos que pensar de outra maneira.

Minha filha caçula - é Anna Freud - então com dezenove meses de idade, vomitara certa manhã e por isso fora mantida em jejum. Na noite que se seguiu a esse dia de fome, nós a ouvimos chamar gritar durante o sonho: *Anna Feud, Er(d) beer, Hochbeer Eier(s)peis, Papp!*

Er(d)beer é a forma infantil de pronunciar morangos, *Hochbeer* também quer dizer morangos, *Eier(s)peis* que corresponde mais ou menos à palavra flã, e, por fim *Papp* é mingau (*O Seminário livro 6 p. 75*).

O argumento de Lacan é o seguinte: Se o sonho fosse a realização de uma demanda frustrada ela sonharia com a demanda frustrada, os morangos que ela tinha querido comer na véspera, sua iguaria preferida, mas não é isso o que acontece, ela sonha com um banquete. Ela sonha com uma lista, os pratos de que ela mais gosta e além do mais com o nome dela na frente, “*Anna Feud, Er(d) beer, Hochbeer Eier(s)peis, Papp!*”

Apresenta-se a possibilidade de satisfação muito maior do que a apenas morangos. A satisfação que está em cena nesse sonho não é a satisfação de uma demanda, é a apresentação de alguma coisa que seria maior do que qualquer coisa que uma demanda pode satisfazer. Todos os pratos preferidos e empilhados na mesma hora, isso é muito mais a figuração de um objeto para além de uma demanda do que a figuração de uma série de demandas que quero satisfazer. A frase de Lacan é: a própria série mostra que os elementos em questão, não inclui a própria série, “é, em suma, essa unidade que essa série opõe-se ao caráter eletivo de satisfação da necessidade”, necessidade aqui é no sentido da demanda seria uma coisa e não uma série inteira.

(...) o que ela enuncia no seu sonho se articula sob a forma que chamei de floclada. Significantes se sucedem numa certa ordem, mas essa sucessão extrai sua forma de seu empilhamento. Ele se superpõe, se me permitem, numa coluna. Essas coisas substituem umas às outras, como metáforas umas das outras. O que se trata de fazer emergir, então é a realidade da satisfação como interdita (p. 82).

A realidade do impossível da satisfação, fica parecendo que é a frustração, não, o impossível, o todo, realizado. Não é a falta dos objetos, são todos os objetos, isso é importante para a gente não pensar que quando Freud fala da realização alucinatória do desejo é que seria uma falsa realização. Não, é porque esse objeto do qual se aproxima do sonho, ele não satisfaz da mesma maneira que o objeto da demanda são objetos que se pega e come, pega e faz, ação específica.

Numa situação específica, se compõe com ele, faz relações sociais com ele, esse objeto do qual estamos falando é difícil de figurar, é uma presença figurada, por exemplo, pelo banquete de Anna Freud. Esse é o objeto, digamos da realização, o objeto do desejo, enquanto que a série são os objetos da demanda, objetos do mundo, alguma coisa se introduz nessa série que não é do mundo. Mas é alguma coisa. É um perigo chamar de realização da satisfação impossível. Tem uma ambiguidade a realização da satisfação impossível como acontecendo. O que se trata de fazer energia nessa série ou nesse sonho é a realidade da satisfação interdita, como impossível. Temos a presença do objeto nesse espaço.

Lacan em seguida vai discutir que representação é essa que está atrás da coisa, entendendo que a relação com a coisa vai se fazer por uma figuração das coisas, mas na figuração das coisas vai se apresentar uma coisa a mais, que não consiste em elencar nenhum dos objetos eletivos da demanda, mas que insiste nessa série. Essa é a ideia para isso, mesmo uma criança, ela não sonha para ter aquilo que ela queria ter, mas a mãe não deixou, ela sonha porque é um sujeito da linguagem e tem um vislumbre que só a linguagem dá que é infinito. A ideia do infinito não faria parte do sonho de um cachorro que sonha. A criança sonha com tudo porque ela não pode ter absolutamente tudo porque ela fala, mas ela tem a dimensão de infinito do. É disso que estamos falando quando falamos da coisa ou da realização do desejo e não da satisfação da demanda.

A tradução do desejo e seus correlatos, da língua alemã.

A *realização* do desejo em Freud, está mais ligado a ideia de ideal e não propriamente ao desejo sexual. Ele vai, no que diz respeito à realização, satisfação, de desejo, falar do *Wunscherfüllung*. Essas três palavras poderiam traduzir esse termo em alemão *füllung*. Ele volta a falar na ideia da realização, desejo, expectativa, não refere aos ideais não se referem a realização como capacidade de realização, nem a satisfação no sentido de fruição e tampouco, o cumprimento no sentido de cumprir uma promessa.

Essa palavra em alemão é ligada a ideia de um apaziguamento a um estado de quietude e o que está ali em jogo na satisfação pulsional é muito mais uma ideia de apaziguamento do que propriamente uma satisfação que traz uma ideia de alegria, uma ideia de alegria como em português “ah! como estou feliz”, ele diz que não é isso que está em jogo na *füllung* em alemão, o que está em jogo lá é apaziguamento, disso que vem em intensidade.

Participante: talvez a ideia de descarga como eliminação do desprazer.

Marcus André: redução da tensão

Participante: saciar.

Marcus André: saciar é um problema, porque vai saciar completamente, reduzir, saciar não seria a melhor escolha em português. Saciar parece esgotar. Se formos para o lado da economia podemos pensar que o sistema tem que ter um certo nível de tensão, quando ela sobe muito pode-se reduzir, vai reduzir ao máximo, mas se não tiver um tanto de tensão não se tem vida. Saciedade parece que reduziu ao zero, enquanto que a ideia de apaziguamento é uma redução, descarga.

	PULSÃO		
DEMANDA	wunsch (anseio)	DESEJO	GOZO
SATISFAÇÃO	(repetição) Saciedade descarga	Realização	Insistência (reiteração)
Triunfo	pacificação		
	desaparecimento		

Temos do lado esquerdo a satisfação, mas a realização é o que nos interessa. Eu coloquei a pulsão no meio porque ela entra nos dois lados, de certa maneira, podemos dizer que é uma satisfação da pulsão que deixa marcas, os trilhamentos, é com isso que “você vai lidar com o que não vai conseguir apaziguar”. O que não conseguir apaziguar vai ser colocado em cena, mas não necessariamente vai se satisfazer quando colocar isso em cena, vai realizar. É outro termo, *durchführen*, e fica claro que é realizar um desejo no sentido do “gênio da lâmpada”, mas de qualquer maneira ele não é o mesmo no sentido de apaziguamento. O gênio da lâmpada não apresenta o objeto. Até porque ninguém nunca encontrou um gênio da lâmpada na realidade, isso é só uma ideia, mas essa ideia traz a dimensão da perfeição por exemplo.

Temos essa diferença na vida, graças a Deus, porque não somos um animalzinho, mesmo sendo crianças – ou talvez animaizinhos seja igual a gente – mas somos seres que somos desregulados pela linguagem, nunca encontramos uma satisfação que zera, mas encontramos satisfações. Onde estamos tentando chegar é na dimensão daquilo que não é para satisfazer, esse é o objeto para a psicanálise. Ele não é o objeto da demanda, ele se insinua no meio das demandas mas não é o objeto da demanda e o que temos que fazer com ele é consumir, apesar de poder consumir também – não somos contra o consumo – o perigo todo de nossa história com a política é ficarmos levantando a bandeira do anticonsumismo. É tentar achar qual é a especificidade do objeto na psicanálise.

Qual é a especificidade do objeto na psicanálise?

O que fazemos com o objeto numa análise? Toda a questão é onde está o corpo nessa história, não sabemos onde está, se disser que a pulsão é para coisa animal e o desejo é para coisa espiritual, onde vamos parar? no século XVI. É o caminho, nossa tendência básica é dizer que tem alguma coisa de representação e uma coisa de pulsão. Freud falou que a pulsão se faz representar por coisas, ela não existe, então só temos as representações da pulsão. Se começamos a dar entidade a pulsão daqui a pouco ela vai fazer deuses, massagistas cósmicos que sentem os feixes de energia passando debaixo do braço! Onde está a pulsão? Não existe a pulsão ela é um conceito mitológico, como Freud ensinou, pulsão não é uma coisa que se mede, não existe “pulsonômetro”, o risco seria dar consistência ôntica para a pulsão. Ai vamos opor a resistência da pulsão a resistência do feto e vamos criar um sistema de alma e corpo, uma leitura de Freud cartesiana que só vai levar a alguns lugares. Na radicalidade do Eduardo Coutinho é que só é uma experiência de fala. Onde está o corpo? Essa é uma boa pergunta. Ele está, já sabemos, mas onde ele está e como ele está? E não “eu sei onde ele está” e ele está fora da experiência.

Debora: fiquei pensando no lugar do objeto nos dois lugares, tanto na realização como na satisfação.

Marcus André: qual é o objeto, qual é nossa realização com ele e qual é o lugar do corpo nessa satisfação aqui e ali? Essas são as boas perguntas, e não dividir, é uma relação, então vamos tentar mapear um pouco mais. Era muito importante marcar que não era a mesma coisa. Quando ele está falando em termos de pulsão. Nessa época o que Lacan chama de desejo, também é ambíguo também para Lacan, mas ele já fez a diferença entre demanda e desejo. Mais tarde ele vai nomear o gozo e aí o desejo vai para o lado da realização no esquema. Mais tarde ele vai dizer que aqui é o Outro gozo, é o Outro fálico, é difícil, não é uma linha reta, mas dá para fazer superposições.

Estamos pensando o que é a realização, e qual é esse objeto? Como ele se apresenta numa análise? Um objeto que me relaciono com ele sem ser em termos de descarga e satisfação, mesmo assim ele é muito importante, funciona e faz parte da vida. Que tipo de efeito corporal isso dá?

Participante: nessa dicotomia, nesse momento, a demanda estaria do lado da realização?

Marcus André: No esquema você não tem exatamente apaziguamento, mas outra coisa. Temos a apresentação de um objeto que produz alguma coisa, mas não é apaziguamento. Temos que ter em mente que na vida é tudo misturado.

Participante: mais a lógica de funcionamento da demanda seria essa lógica da satisfação?

Marcus André: isso. Eu peço, eu ganho, e ao mesmo tempo eu reduzo a tensão, eu me componho com esse objeto. Não é exatamente o objeto mas como me relaciono com ele, posso fazer uma ação específica nos termos de Freud, por exemplo, me encaminhar até ele para obtê-lo e reduzir as tensões. Pode ser pensado em termos alimentares, mas pode-se pensar em termos de qualquer coisa. Toda a ideia é para que cheguemos ao consumo. Quando se consome um objeto, quando se compra uma roupa, tem que valer, tem uma roupa que funciona na base da satisfação. Roupa funciona na base da realização ou da apresentação gozosa. Não é um tipo de objeto, mas como se relaciona com ele.

Participante: sobre complementar e suplementar.

Marcus André: são os termos básicos topológicos para isso. Um exemplo muito grosseiro, “a revista de domingo é o suplemento do jornal”.

Tem ótimos exemplos. Primeiro que não é antropológico, Lacan tem uma demonstração para suplemento. Suplemento é alguma coisa que se introduz na superfície, reconfigura a superfície e não necessariamente você não consegue dizer o ponto. Por outro lado, Derrida tem relações literárias com o suplemento. Quando entrarmos na interpretação da Andreia Beltrão, vamos ver que o suplemento é “o cheiro do sovaco da Alcedina”.

Objeto do desejo e objeto causa

Para arrumar as cabeças em termos de conceito, a Alcedina é o objeto do desejo, o cheiro dela é o objeto causa do desejo, no exemplo no encontro anterior, o objeto do desejo, era a cenoura do burro, o cheiro de Alcedina não é a cenoura, é o que está atrás, como diz Lacan, causando. Temos que ter uma figuração do objeto do desejo, ele não é o que move o desejo, é uma estrutura chamada fantasia, onde temos o objeto do desejo e o objeto causa. O objeto causa é discreto, por exemplo, quando alguém anos depois conseguiu destacar esse objeto. Mas na prática não é assim, só se fala na Alcedina, como ela era legal, a pessoa que elevar o objeto, sublimizar. Os nossos objetos do desejo, queremos que eles sejam sublimes, e quem sabe não chegamos lá, vai dar muito trabalho, vou tentar ser como a Alcedina ensinou, isso é o que faz o neurótico de base, ele quer transformar uma experiência na coisa. Ele é um sublimador num certo sentido. Ele é um artista também no sentido clássico, ele quer sublimar,

quer elevar a Alcedina a categoria da coisa. Mas o que queremos como analista é desenhar as bordas da coisa.

Participante: sobre o cheiro da Alcedina. “talvez Alcedina não reconhecesse o cheiro que ficou para Andreia”. O que para Alcedina fica é ela não se reconhecer nisso que o Outro diz dela.

Marcus André: você está imaginando o objeto causa do desejo numa relação amorosa.

Participante: essa história do objeto causa do desejo, talvez não sei se seria alguma coisa que fosse possível ser encarnada. Você falou do cheiro, depois deu outro exemplo com o cheiro da cenoura, mas é alguma coisa que não tem corpo, não tem concretude.

Marcus André: a maneira que Lacan encontra para isso é o resto. Tem um pacto de corte, á alguma coisa que cai. Ele chama de rebotalho. E essas coisas são sempre coisinhas, e são coisas que tem o *status* de não coisa de semi-coisa. Por isso o trabalho com o lixo, são coisas assim. Quando estávamos falando de pegar as cinco substâncias episódicas do objeto a, elas são todas a mesma coisa.

Porque você gosta de alguém: porque ele tem uma voz, mas não se consegue dizer o que ele tem na voz, a voz como alguma coisa que está ali fazendo clima, “ele olha para mim de um jeito”, tem “um gosto pela vida”, esses são os objetos: oral, auditivo, anal. É para tentar mapear esses objetos causas, e se tem alguma coisa de mal-entendido no lacanismo é pensar que causa é a cenoura. Todo mundo usa causa, “eu estou causado”, quer dizer que estou causado pela coisa. Está causada, sim, mas não se sabe qual é a causa.

Nossa questão é a aproximação da coisa, a partir da localização da causa, isso dá uma certa relação com a coisa, que não é a mesma do neurótico que a sublima. O neurótico de base tende a sublimar no sentido de elevar a dignidade da coisa. O objeto de arte é o que se coloca no lugar da coisa.

Participante: Ela diz para Alcedina: Cidina, quando eu for muito rica, eu vou te dar um carro enorme, você só vai andar de motorista, você vai ter casas em todo lugar do mundo, você vai ser milionária, eu vou trabalhar a vida inteira para te dar tudo”, ela ria, e essa era minha maior felicidade, quando ela ria. O efeito era a gargalhada dela.

Marcus André: o efeito forte é o riso. O riso é alguma coisa que cai da pessoa, não é aquele riso “Ah! como ela é alegre”, não é esse, mas o sorriso do gato, tem que ser o riso como o do gato da Alice no País:

O sorriso do gato de Alice, é o objeto *a*, vai sumindo, para indicar o que resta do analista no final de uma análise. O riso no caso da Alice serve. Uma coisa é sublimar o objeto do desejo ou elevá-lo a condição sublimatória e outra coisa é ficar só com o sorriso.

Lewis Carroll ensina algo que tem a ver com a psicanálise. Quando se fica com o sorriso, que tipo de relação isso é? O sorriso realiza a coisa. O sorriso não faz a coisa se remeter ao infinito, enquanto que uma idealização ou sublimação dessa coisa faria com que ficasse fora do alcance, “você vai admirá-la”. A sublimação não é descarga, é um trabalho contínuo, mas um trabalho de distanciamento, de elevação do objeto, mantido a uma certa distancia. Estamos falando de outra coisa quando falamos do sorriso do gato de Alice, o objeto está ali, só que não é um objeto do tipo que se leva para casa. Vai ter que ficar contando histórias para ele ficar caindo. Vai ter que falar do cheiro da Alcedina para os termos estarem ali também.

Tem um comentário de Lacan sobre o objeto, que talvez a gente só consiga fazer essa diferença, porque os objetos não são concreto, eles são todos desvirtuados. Não tem Coca-Cola na sessão, posso levar, mais não é isto, quando estamos falando da Coca Cola é interpretação. O agenciamento das representações e a relação dela conosco, o aparecimento delas no nosso corpo. Os objetos da psicanálise são virtuais, mas apesar de muito virtuais, eles são concretos, mais outro tipo de concretude. Quando há correspondência com os objetos do

mundo, consigo encontrar uma relação que, forçadamente que seja, chamo de biunívoca, quando eu falar de alguma coisa que é igual a ela mesma na análise, ela é um objeto de demanda e não interessa ao psicanalista. Coisas ambíguas essas nos interessam. Sempre vou estar misturado com coisas.

Por isso Lacan também faz uma discussão sobre o estatuto da representação. A psicanálise é virtual, alguma coisa do corpo imaginário, ele é esvaziado na sessão, mas isso não quer dizer que não há coisas corpóreas na análise, mas esse corpinho que é o de todo dia, ele fica mais esvaziado, por isso que se separa do olhar.

Isso é o que o Coutinho faz, a pessoa chega, senta na cadeira. Podemos trabalhar com os objetos, como virtuais em termos, alguns correspondem aos objetos muito diretamente, mais concretos, outros correspondem menos, mas todos são virtuais.

Participante: numa sessão de análise, os acontecimentos de corpo, as sensações

Marcus André: essa é a presença do corpo, do corpo de todo dia, isso aparece muito na análise. Quando você faz para desaparecer isso, esvaziando o Outro.

Quando estamos falando em termos de virtual não é no sentido do clássico, careta que é o virtual é falso, não, só é muito real, só não é de todo dia, quando estamos dizendo que a psicanálise é um espaço virtual é para que o real se apresente, e não a realidade, nos termos de Lacan, realidade é isso, realidade física, psíquica, tudo o que é realidade é o que Lacan chama de imaginário. Concreto, redondinho, o real é o que vai aparecer nessa dimensão que está para lá do lado da realização. Temos os fenômenos corporais, “ah! me deu um dor de cabeça”, essa dor de cabeça que não é bem na cabeça, mas a dimensão do corpo está lá.

Burning man e os acumuladores

O objeto está tão descartável, ele não consegue nem se estabilizar, é um depois do outro, é a obsolescência para depois jogar fora. Só consegue estabilizar um objeto quando consegue colocá-lo numa sequência infinita, comprar e jogar.

Os acumuladores devem ter alguma coisa a ver com isso, conseguem fazer uma montanha de objetos, é o jeito da presença do objeto que essa nova doença da moda só surgiu numa sociedade que não tem mais objetos que duram, o tempo todo é de passagem

Estamos numa espécie de grande lixão, eles fazem da casa um grande lixão para fazer a presença dos objetos, todo o problema é que não tem realização do objeto, quando se tem uma demanda satisfeita e logo depois joga fora por outra, tem uma satisfação de demanda, quando isso se dá incessantemente esvazia a presença do objeto. A demanda meio insatisfeita chega a fazer “você chegar perto de um limiar, a proibição de alguns objetos para se chegar perto do limiar, se suspender a proibição e só satisfazer a demanda, como chega perto da coisa? Só jogando no lixo ou correndo sem parar.

Falando das ocupações, estamos lidando com um Outro que nada mais é estável, os estudantes vão para uma escola, ocupam e fazem obstáculos com seus corpos, mas podemos imaginar outras coisas, diante desse Outro não todo, desse outro que não responde.

Um parênteses: só para comentar, quem sabe chegamos lá depois. O outro do capitalismo é um outro que não responde, ou responde o tempo todo, quando isso se transforma em mercadoria então, não tem mais resposta, só tem respostas, é um outro irresponsável também, não tem responsabilidade com nada. Nesse sistema geral do nosso mundo não tem objeto que vale, e para a psicanálise precisamos ter demandas frustradas ou objetos proibidos, para nos guiar atrás dos objetos que valem, para poder ficar com a borda, não tem mais fica um pouco difícil.

O que se tem feito com os acumuladores tem também a possibilidade de produzir o objeto e depois destruir, porque se não destrói o objeto ele vai ser enfiado na cadeia de futuro. Isso porque me lembrei do *Burning Man*.

Burning Man é um festival que acontece no deserto, em que as pessoas constroem quase uma cidade, 70 mil pessoas, depois porque não podem levar tocam fogo. A ideia é que vai se fazer uma mega coisa e depois não vai deixar rastro nenhum. Porque você não vê o objeto o objeto fica ou faz as pessoas quererem voltar lá. Esse tipo de experiência encontramos toda hora.

A questão é como se faz alguma coisa sem o objeto de exceção, num mundo que não tem exceção para nada, uma maneira de fazer o objeto de exceção é destruir, acho eu.

Trazendo o corpo, “você estava lá”. Eu estava falando mal da Rave no encontro em São Paulo, depois alguém disse: “parece que você nunca foi numa Rave! Você então não sabe que no meio de uma Rave tenha uma hora em que pára tudo? E aí o sujeito fala alguma coisa, tem uma presença. Isso aí é fazer um vazio também. Isso conta na Rave, não é só sacudir. Tem os momentos de parada. Cria um objeto ali, depois: onde fica esse objeto? Não fica. Mas fica em algum lugar do corpo que não é o corpinho de todo dia. A partir da psicanálise podemos tentar entender essas coisas.

A experiência corporal do cheiro da Alcedina, onde ela está? Andreia não consegue dizer, “eu estou sentindo o cheiro agora”, ela pode no máximo encontrar um perfume e dizer “esse aqui é o perfume da Alcedina, mas ela não vai dizer “está aqui, encontrei o cheiro de Alcedina”, em algum lugar, é o que estou dizendo que está corporalmente inserido, inscrito, mas não está no meu corpo, consciente, o que eu acordo, tomo banho e vou dormir.

A relação da Andreia com o cheiro é uma relação tão diferente da cotidiana que ela não permite talvez pensar o que é “você ter um objeto que não existe, mas existe”.

Participante: isso não importe em que momento se constituiu.

Marcus André: acho que não.

Participante: no que você está falando e que está meio fulgás não é o objeto causa mas o objeto para o qual a gente se dirige.

Marcus André: o objeto da demanda, são todos fugazes, futilitários, são todos futilitários. Quando se tinha objetos que eram reais, a gente ia chegando ao ideal, ficava na borda nossos objetos causa, como agora não tem para onde ir, não tem lugar, não tem direção, onde está nosso objeto causa? O que estou querendo dizer é que a maneira como a gente lidava com os objetos causa, a gente talvez esteja conseguindo ver coisas acontecendo no mundo parecidas, porque não só a psicanálise lida com essas bordas e limites.

O mundo está mais psicanalítico só que atrapalha a psicanálise. A psicanálise fazia psicanálise num mundo, se o mundo ficou virtual, como se faz psicanálise que se fazia que era virtualizar o que era concreto. Isso está num de Jacques-Alain em Comandatuba, IV Congresso da AMP de 2004 chamado “Uma Fantasia”.

<http://www.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>

Uma das coisas que se faz é construir-destruir, isso é com construção, mas pode-se fazer com o tempo, produz uma parada no movimento e depois suspende. Isso não é coisa de agora, o Cildo Meireles –artista – fazia as inserções dele.

Outro exemplo: Largo da Carioca, cinco carrocinhas de sorvete, e vendendo sorvete de água, ou melhor, dando sorvete de água. Só vamos achar o valor disso se pensarmos vemos mais disso no mundo. Como se faz para ter um objeto não incorporado, sorvete de água do Largo da carioca. Daqui a pouco alguém copia, mas naquele momento é fazer a realização de um

objeto estranho e aquele lugar vai ficar encantado, talvez todos os sorvetes fiquem encantados para você, que ao chupar seu picolé Chikabon e era água. Outro exemplo para falar da exceção “só quando você enche a Coca-Cola, aparece a pichação dizendo *yankes go home*. A Coca-Cola recolhe as suas garrafas vazias, ela mesma enche de Coca-Cola e ela mesma não vê faz a propaganda contra ela, só na hora da venda é que aparece o *Yankes go home da Coca-Cola*. Se produziu um objeto que vai ser destruído na mesma hora, mas naquele momento se tem um objeto que sai da série, sem ser externo. O problema é que não tem mais exterioridade, o mundo, o capital está em todo lugar.

Participante: um objeto extrair alguma coisa, sem precisar ir para a praça para vender o picolé de água por exemplo. Tem uma intencionalidade nesse fora de série.

Participante: como é que isso aparece sem essa intervenção? Como é isso na vida comuns?

Marcus André: Vocês estão querendo uma situação analítica que não seja artificial? Você imagina que o que acontece na análise faz parte do homem, não acontece porque Freud inventou, ele traz uma dimensão do homem, e tem pessoas fazendo coisas parecidas também. O que aconteceu com a gente na vida que nos fez ter uma relação com o objeto causa, foram os trilhamentos de experiências, as experiências da vida não são só de comprar e descartar. O que o artista está fazendo e pegar uma das dimensões da experiência humana e forçando ela, assim como Freud pegou dimensões da experiência humana e criou um laboratório um acelerador de partículas para fazer esse tipo de experiência, assim como Coutinho faz isso com seus filmes para fazer se apresentar esses objetos causas, por isso que estamos usando suas produções, como sempre temos que olhar para os artistas porque eles estão fazendo alguma coisa que ajuda a gente. Só que os artista de hoje não parece artistas.

Participante: sobre as obras de artes reconhecidas e não reconhecidas como tal.

Marcus André: quando Bispo do Rosário morreu, o pessoal do hospital queria desmontar aquelas coisas, jogar fora seus objetos: canecas, sandálias, para eles aquilo era nada para eles. Estamos fazendo o cômico em cima da ideia da obra de arte.

Participante: O Mário Quintana tem uma frase em que ele diz “a poesia é súbita, todo o resto já existia”, você está falando muito dessa coisa do tempo também, do perene se se torna perene entra na série.

Marcus André: hoje em dia não tem mais perene. Incessante destruição, quando se tira dessa série.

Participante: essa questão do súbito, é do que estou querendo falar.

Marcus André Vamos fazer umas anotações. Primeiro falamos da ideia de deslocar da obra para a relação, arte relacional. Depois tem a ideia do tempo que agora conta. Um queria marcar que tem um jeito de se acertar o corpo com isso, se inscrever na memória que não ela não está muito habituado com a maneira de inscrição da tal da Rave e eu tenho dificuldades de imaginar isso, queria que se inscrevesse na memória sensual, talvez não seja na memória sensual no sentido do afeto. Rave: parada, um delírio qualquer e volta. Quem está de fora só consegue ver a sensação do coletivo. Com o corpo, a relação, colocamos a obra de arte, no sentido corporal e o tempo.

Isso mostra que talvez hoje ficamos muito mais ligado no tempo, na sessão, se a gente considera que está no mundo e as pessoas que nos procuram não são apenas aquelas comuns que estão acostumadas a ser, o time passa a ser mais importante do que sempre foi.

Participante: o psicanalista cidadão se apresenta com o corpo na cidade.

Marcus André: mais qual corpo? Na sessão a sua presença corporal, conta, mas não o que seu corpo está fazendo, seu engajamento. Quando a gente fala em corpo, a gente tende a achar

que é “ah! estou de mal humor hoje, cansado”, esse é o corpo. Um analista entra com seu corpo.

Imagino que o artista quando está na arte de relação ele entra com o seu corpo, mas não com seu corpo.

Participante: encarnação do corpo do analista.

Marcus André: encarnação de uma presença.

O analista cidadão precisa saber que tanto mais difícil será ele ser analista quanto mais ele coloca o corpo dele lá, ele tem de saber jogar com isso.

Se não tivermos clareza, não é o fato do analista está andando na cidade porque no consultório também o analista está na cidade, não é aquele que está se deslocando, se movimentando. Ele está levando com ele as especificidades dele, que é a presença corporal que atrapalha se ele tiver muito corpo, mas também é ruim se não tiver nenhum,.

É preciso usar o corpo para criar um espaço de exceção, o analista também precisa criar para criar talvez espaços analíticos. Mas precisa saber que não é ‘só o corpo, precisa de time e tem que ter uma inserção, uma apresentação da coisa que não é de realização nem de satisfação.

Participante: a questão da ocupação é mais articulada, faz mais sentido para ali, com seu corpo, ocupando espaços.

Marcus André: vale lembrar que o tempo é importantíssimo porque é o tempo é quem conta, precisamos de muita experiência para chegar nessa ideia, não é o que você vai dizer, e se disse na hora certa, e fazemos supervisão para ver como é como tenho que fazer certo. Achar o tempo certo é uma coisa difícil. Como é o tempo certo? O kairós (em grego: *καίρός*, o momento oportuno, o centro de oportunidade, o momento certo para falar, o objeto chega na hora, e é difícil saber que hora é essa.

A ideia da fantasia funciona numa espécie de eternidade, mas a fantasia existe numa potencialidade, numa virtualidade, ela só existe quando acontece, isso temos dificuldade para ver, é muito mais fácil pensar em termos geométricos, queremos saber onde está o pai, a mãe, onde está a estrutura, a gente pensa a estrutura no espaço, mas é para pensar no tempo também. Isso é difícil, exige muita experiência para ver que a estrutura só existe se existir, e não existe.

Participante: quando você fala da borda do objeto, tem que ter algum espaço para que a borda....

Marcus André: você está dando uma ideia que podemos pensar, duas possibilidades para o analista, classicamente, você, está no lugar da coisa, e supõe que você vai saber alguma coisa sobre aquilo que falta para a pessoa se resolver, é só ficar quieta no lugar da coisa que será colocada no lugar da coisa e ai, e partir desse lugar se procura a norma. Uma maneira de procurar o objeto. Você pode também procurar fazer a borda, não ser a coisa, especialmente que muitas vezes “você não é nada de coisa”, você nem sempre é um super saber, inclui pelo mais fácil porque você não é. Porque você pode se situar perto dessa borda. A presença corporal sua, talvez ela seja muito mais do entre, do que aquela que espera que o outro venha. Devemos começar a pensar as coisa um pouco desse jeito.

Participante: suspender alguma coisa, a própria ideia o setting já é um espaço.

Marcus André: é um aceleração de partículas que não é corpo enganado, mas é corporal. A presença do analista se apresenta quando ele se faz silêncio, mas agora precisamos imaginar que “fazer silêncio já é uma ideia de espaço”. Fazer silêncio-fala, isso é espacial, não temporal. O temporal é a hora do silêncio. Qual é a hora do silêncio para o silêncio fazer presença. Porque senão vai só fazer silêncio. E a gente faz, Tentar fazer silêncio para trazer a

presença mas o que se faz é só calar a boca. Em geral, quando alguém cala a boca, apresenta-se o corpo da pessoa como algo que está chegando do ponto de vista da coisa. Mas isso é em geral. Para muita gente o silêncio não significa nada, para a criança por exemplo não funciona desse jeito. Para doido também, mas não necessariamente, o psicótico, é achar o ponto onde você vai fazer o silêncio ter efeito de presença é uma arte.

Nesse sentido Lacan recomendava ler Gracián Baltazar (1601-1658), escritor, filósofo e jesuíta espanhol. Livro: A arte da Prudência. É muito batom nesse sentido.

Num mundo em que tudo era boato, ninguém precisava trabalhar. Hoje, quando alguém entende que aquilo que está na Internet, está em algum computador em algum lugar, e não está lá, isso é uma revelação. Converse com alguém de 13 anos, “você sabia que tudo que você está vendo, está guardado em algum lugar, e se apagar o computador aquilo desaparece”, a pessoa jovem tem dificuldade para entender. Acha que está lá, Na época de Luiz XIV devia ser assim, um lugar virtual. É nessa época que Baltazar Gracián escrevia sobre a arte da prudência, a arte do senso de oportunidade, quando é que você fala, como fala, para que a coisa faça efeito.

Arte hoje, aquilo que deveríamos chamar de arte hoje, talvez só aqueles que tiveram oportunidade, começando por Marcel Duchamp (1887-1968) – pintor, escultor e poeta francês, cidadão dos Estados Unidos a partir de 1995, inventor dos *ready made*.

Quem tem o senso de oportunidade para fazer o acontecimento, esse é o artista. Poderia ser radicalmente essa ideia.

Participante: não é porque você faz uma pintura e faz uma brecha nela.

Marcus André: num espaço do Outro onde não há mais objeto em exceção, talvez só quem consegue fazer um acontecimento, já seja exceção e isso é um artista.

O coração do objeto desejado

Vou ler para vocês, uma passagem do Benjamin, isso é para falar de alguém que escreve bem, consegue se relacionar com a coisa, sem ser sublimando, parecido com Andreia Beltrão, com um vocabulário menos específico.

Ele sonha e estava em Paris:

Estava à margem esquerda do Sena, diante da Notre-Dame (...), mas não havia nada que se assemelhasse a ela. Somente os últimos níveis de um edifício de tijolos ultrapassavam um alto tapume de madeira que o envolvia. Estava em Paris, mas (diante deste prédio no coração de Paris) a saudade de Paris me invadia. De onde vinha esta saudade? E este objeto completamente deformado, irreconhecível? É que, no sonho, eu me tinha posto demasiado próximo. A incrível nostalgia que havia se apoderado de mim aqui, no coração do objeto desejado, era aquela que (...) prescinde da imagem (dele)". Benjamin W. *Rêves*, Paris, Gallimard, 2009, p. 55.

"Que saudade era essa que prescinde da imagem? Era a saudade feliz (o sentimento) que, tendo ultrapassado o limiar da imagem e da posse, conhece apenas a força do nome, da palavra, a partir da qual o ser amado vive, se transforma, envelhece, rejuvenesce e – por não ter imagem – é o refúgio de todas as imagens".

Agora não é o objeto que cai, esse objeto está no centro, é como se pegasse um cheiro, a *Notredame*, os tijolos, tapumes, ele não vê nada direito, essa coisa que vai levar adiante não pode ser o objeto sublime, como seria talvez *Notredame* para ele. Ele localizou alguma coisa, está em frente a ele, é como se Andreia Beltrão estivesse em frente ao cheiro, o que ele vê ali não é nada, é só um limiar, ele diz “tem alguma coisa dessa coisa que posso guardar que é o nome dela”. Há que se discutir, mas de qualquer maneira, não é a coisa em si que ele vai ficar com ela, ele vai ficar com alguma coisa que se desenha nessa borda e que ele consegue se apropriar pela palavra. Ao mesmo tempo ele localiza esse objeto como aquele que não tendo imagem, é aquele que encerra todas as imagens.

Participante: e a saudade?

Marcus André: uma irresistível saudade, ele tem saudades de Paris, a real, dele, poderia ter vivido isso como êxtase, a gente chamaria essa irresistível saudade de gozo, apesar de saudade dá a impressão de que é negativa, é estamos insistindo como um gozo a mais positivo, não podemos dizer se é negativo ou positivo.

Qual é o estatuto desse objeto a ?

Lacan insiste que é o objeto que cai, um resto, com Benjamin parece que ele pode ser colocado no centro da cena, tem uma certa duração, esses objetos não são totalizáveis, “é um edifício de tijolos com tapumes”, não se pode dizer que é uma coisa só, é um estatuto meio-falimentar, ele é nesse sentido virtual, não tem existência e nem para as pessoas tem tanta existência assim, eu posso quase sentir do cheiro de Alcedina, não que ela esteja com o cheiro na mão, esse objeto que é o objeto da psicanálise.

Onde a gente encontra isso? É só na análise? Tem alguma outra coisa parecida com isso no mundo? Alguém faz coisa contrária? Vou dar alguns exemplos da relação com o objeto. Pensei no geral e nos acumuladores. Os objetos estão virtualizados, nenhum objeto mais encarna essa posição de Alcedina, um objeto elevado ao sublime. É difícil essa ideia do objeto sublime, está em decadência, a obra de arte.

“Fica, espero por você”, cada pessoa tem seus objetos sublimes, se tomarmos o clima geral da cultura os objetos sublimes nesse sentido, não são.

Participante: os objetos só são sublimes em si?

Eles nunca foram sublimes em si, mas sublimes para alguém, mas havia uma coletivização desse lugar. Isso que estou propondo é para dizer do lugar desses objetos sublimes no mundo.